

Samuel León

Editor da Iluminuras

---

Laura Hosiasson

CARACOL: *Samuel, desde quando a Editora Iluminuras traduz literatura em língua espanhola?*

SAMUEL LEÓN: Desde 1987. Nosso primeiro livro foi *Respiração Artificial*, de Ricardo Piglia, que nunca tinha sido publicado no Brasil. Fomos, de fato, os primeiros a publicá-lo em outra língua. Acho que a única pessoa que já tinha feito uma matéria sobre ele foi o Davi Arrigucci e depois teve uma coincidência maravilhosa quando o “Folhetim” da *Folha de São Paulo* publicou, na mesma semana e sem a gente saber, um longo artigo do Raúl Antelo<sup>2</sup> sobre Ricardo Piglia e *Respiração artificial*. Foi um acontecimento, a repercussão do livro foi imediata, houve comentários elogiosos em quase todos os jornais e revistas. O escolhemos porque além de suas qualidades literárias permitia pensar o momento político que o Brasil vivia, após a abertura política, na discussão sobre como fazer literatura e como fazer para trabalhar a relação entre política e literatura de uma maneira diferente até aquele momento. Nós achávamos que a leitura do texto do Piglia trazia essa questão de forma inovadora. Esse foi o caminho inaugural da editora.

C: *Existe uma política geral da editora em relação à escolha de títulos em língua espanhola?*

SL: Existe um critério, sim. Publicamos autores que possam acrescentar alguma coisa na discussão sobre o que é escrever literatura hoje no Brasil. Obras que estabeleçam um diálogo com o que se publica aqui, trazendo, por assim dizer, certo oxigênio e diferença. Ou seja, priorizamos aqueles textos que problematizam de alguma maneira a questão da escrita. Essa

1. “Literatura, exílio e utopia”, em Rev. Leia-Livros, n°60, 1983; recolhido depois em Arrigucci, Davi, Enigma e comentário. São Paulo, Cia. Das Letras, 1987; p. 189-192.

2. “Emilio Renzi, Ricardo Piglia e outros”, Folhetim da Folha de S. Paulo, n° 564 (27 nov. 1987); p. 3-5.

foi sempre a pauta, embora nem sempre seja possível manter-se nela. Publicamos Nestor Perlongher, Luis Luis Guzmán com *O vidrinho* (em que o Sergio Molina fez sua primeira tradução sozinho), Silvia Molloy, Cesar Aira, que introduzimos também no Brasil, com *O vestido rosa*, numa antologia organizada por May Lorenzo Alcalá e *A trombeta de vime* que passou em brancas nuvens, lamentavelmente. É um belíssimo livro, mas não teve nenhuma repercussão.

C: *Quais são os critérios adotados pela editora na escolha dos tradutores?*

SL: Primeiro, que o tradutor além de ser muito bom e de ter um amplo domínio da língua, tenha sobretudo uma empatia com texto que traduz e uma relação amorosa com a língua para poder fazer essa passagem de uma língua a outra, o que é sempre uma passagem imaginária. De alguma maneira é necessário criar um espaço imaginário.

Trabalhamos com um time bastante estável de tradutores (Sérgio Molina, José Féres, ao qual incorporou-se recentemente o Wilson Bezerra-Alves que tinha trabalhado os contos de Horacio Quiroga, que também publicamos. Ele está traduzindo o último romance de Luis Guzmán e uma antologia organizada também por Guzmán da novíssima literatura argentina que vai se chamar *Os outros*.

C: *Qual é a proporção de títulos traduzidos do espanhol com relação às demais obras traduzidas?*

SL: Eu diria que as obras em castelhano na editora representam mais ou menos uns vinte por cento do catálogo. Existe um motivo para isso. Poderia ser maior. Eu adoraria que assim fosse. Mas o público para textos traduzidos do castelhano é ainda pequeno. A literatura hispano-americana, em particular, tem um público de leitores muito restrito, de leitores formados. Com exceção de autores do 'boom' ou algum outro que vai se incorporando nesse rótulo, poucos que tenham trilhado caminhos mais decisivos e

inovadores foram publicados. Embora haja um reconhecimento importante por parte da crítica do valor da literatura hispano-americana, o público, no entanto, parece não ter chegado lá. Ele se inclina muito mais para a literatura de língua inglesa que é a que circula com mais força por aqui.

Não temos no catálogo nenhum autor espanhol traduzido. Penso que seja por falta de oportunidade, além do que confesso que, tirando os grandes clássicos espanhóis e alguns modernos eu não tenho um grande conhecimento do que se publica hoje na Espanha.

C: *As obras traduzidas do espanhol vendem bem? Seria possível traçar um perfil do público leitor desses títulos?*

SL: Como dizia, trata-se de um público já formado o que consome literatura em castelhano.

C: *Qual é o papel das feiras de livros internacionais, como a de Frankfurt, por exemplo? Nesse sentido, a Flip cumpre algum papel específico?*

SL: A feira de Frankfurt é uma feira profissional, não é aberta ao público. Seu grande foco é a compra e venda de direitos autorais. É claro que é a vitrine onde são expostas as tendências do mercado do livro. É possível visualizar ali o que irá acontecer nos próximos anos. Nesse sentido, uma feira fundamental. A feira de Frankfurt permite enxergar o que vem pela frente.

A Flip é completamente diferente, ela não é uma feira de livros. Ela é um festival de literatura na qual os autores vão expor as suas idéias, ler seus textos. Ela se baseia na idéia, comum nos tempos atuais de que os escritores são também agentes culturais. Promove a capacidade dos escritores de se transformarem em agentes de si próprios. É como ir ver um grande ator fazendo um monólogo.

Agora, ela tem enorme efeito nas vendas. Para os autores é uma ferramenta promocional extraordinária, mas ali se fala de literatura de uma forma oblíqua, já que a Flip é um espetáculo sobre literatura.

- C: *Em que medida intervém na política de tradução de títulos em espanhol a instalação crescente de multinacionais do livro no Brasil?*
- SL: Essas empresas são alguns dos maiores grupos de entretenimento do mundo (Planeta, Santillana, etc.) e que muitas vezes têm direitos mundiais sobre as obras que estão colocando em circulação no mercado brasileiro. É um comportamento que se repete na maioria dos países onde atuam. Com eles começou a entrar maciçamente a literatura espanhola no Brasil, além dos latino-americanos.

Eu acho que no meio disso tem muita coisa interessante e tem muita coisa que não interessa nada, ou seja, livros de circunstância ou de escritores medianos muito mediáticos. O efeito que isso acarretará no mercado, sinceramente, eu não sei. A minha impressão é de que a maioria dos livros publicados são de leitura fácil, procuram um leitor acrítico. Apesar de tudo, têm entrado coisas fantásticas: entrou Onetti com *A vida breve* e textos de primeiríssimo nível. Agora, os grandes autores da língua já entram no Brasil há muito tempo. A editora Paz e Terra traduziu textos do paraguaio Roa Bastos (*Eu o supremo*), textos do peruano José María Arguedas (*Os rios profundos*), que trabalha entre o castelhano e as línguas indígenas, ou o mexicano Juan Rulfo. Há belas surpresas no meio dos catálogos tradicionais; há editoras pequenas que fazem livros maravilhosos, que trabalham de forma muito pontual e cuidadosa. Eu acho que a literatura hispano-americana está encontrando aos poucos o seu lugar. Falta talvez um intercâmbio maior. No ano passado o Itaú Cultural promoveu em Buenos Aires um encontro entre escritores, críticos e editores brasileiros e argentinos e o que ficou como saldo é que realmente existe enorme desconhecimento, mesmo entre especialistas. Autores consagrados no Brasil começam a ser editados lá por pequenas editoras. O processo é similar, são as pequenas editoras as que abrem caminho. De certa forma é natural que assim seja, pois o seu espaço é o do risco.